

Este é o cache do Google de <https://valor.globo.com/eu-e/noticia/2015/06/05/multiplo-mario.ghtml>. Ele é um instantâneo da página com a aparência que ela tinha em 23 jun. 2021 08:13:02 GMT. A [página atual](#) pode ter sido alterada nesse meio tempo. [Saiba mais](#).

Versão completa [Versão somente texto](#) [Ver código-fonte](#)

Dica: para localizar rapidamente o termo de pesquisa nesta página, pressione **Ctrl+F** ou **⌘-F** (Mac) e use a barra de localização.

Valor^{ECONÔMICO} | **Eu &**

Múltiplo Mário

Por Joselia Aguiar, Para o Valor, de São Paulo — Valor

05/06/2015 05h00 · Atualizado há 6 anos





Mário em casa: um homem "muito intenso, complexo, dividido" na descrição do autor de sua primeira biografia, recém-lançada — Foto: Iconographia

"Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cincoenta

Mas um dia afinal eu toparei comigo

Tenhamos paciência, andorinhas curtas,

Só o esquecimento é que condensa,

E então minha alma servirá de abrigo

(Mário de Andrade)

Um tipo físico de índio espadaúdo. De ombros largos e mãos enormes como patas de urso. Com boca de muitos dentes e riso aberto. Óculos espessos, fala caipira nada descansada. Era trabalhado fisicamente para agitador: irradiava, tinha exuberância, alegria de viver.

Esse retrato de Mário de Andrade (1893-1945) é anotado por um amigo, o crítico literário Alceu Amoroso Lima. É exato na aparência, como revelam imagens suas que sobreviveram ao tempo. Mas para definir sua alma parece impossível ser exato. Como disse o próprio modernista: "Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cincoenta". Não caberia em única definição, de tão múltiplo.

Múltiplo desde sempre: mestiço nascido no bairro paulistano da Barra Funda em fins do século XIX, assumiria um papel de vanguarda nas artes e na cultura. Teve uma formação que passou por letras, filosofia, ciência, canto e piano. Escreveu poemas, contos, romance, crítica e crônica. Foi pesquisador do folclore e da canção brasileira. Dirigiu de modo original o Departamento de Cultura de São Paulo até ser interrompido com o golpe do Estado Novo. "Exilou-se" no Rio e, no fim da trajetória, adotou uma posição de maior engajamento político. Nos intervalos, escrevia cartas a seus pares de todo o país. Morreu aos 51, de infarto.

"Só o esquecimento é que condensa": nos mesmos versos sobre si mesmo, predizia que, a certa altura, sua figura se achataria e poderia desaparecer. No entanto não somente é lembrado como continua bastante plural o artista e pensador 70 anos após sua morte, efeméride que o leva a entrar em domínio público - o que quer dizer que, caducando os direitos autorais, pertence à sociedade.

Clássico lido obrigatoriamente na escola, embora nunca tenha sido o que se pode considerar autor popular, tem uma obra que desperta estudos que não se esgotam, concordam especialistas ouvidos pelo **Valor**. O ano de 2015 assiste ao lançamento de novos livros, à reabertura de sua casa-museu na rua Lopes Chaves e à realização de grandes eventos em sua homenagem - o próximo é a Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), entre 1º e 5 de julho.

"A nossa preocupação foi a de enfatizar sua presença no Brasil de hoje. Há muitas coisas que devemos a Mário de Andrade e nem sempre nos damos conta disso", diz Paulo Werneck, o curador da Flip. "Também houve a preocupação de fornecer novos pontos de vista, novas portas de entrada para a sua obra."

Das 21 mesas do evento, 8 vão ter conversas encadeadas pelo modernista ou motes seus. Abordam sua contribuição em campos como as artes, a crítica, a cultura. Tratam de poesia, espaço público, amor, erotismo e literatura de viagem. A dose de

humor na obra e personalidade não ficará de fora, depois de uma Flip dedicada no ano passado a Millôr Fernandes. "Era um escritor bem diferente do Millôr, mas tinha um enorme senso de humor", observa Werneck. "A imagem que às vezes temos dele é a de um autor vetusto, o que o falseia."

Afora os debates em torno do homenageado, completam a programação da 12ª edição da Flip mesas dedicadas a ficção contemporânea, matemática, neurociências, teatro e romance policial, vida familiar e erotismo. Estão convidados 39 autores nacionais e estrangeiros. Entre os que vêm do exterior, há o irlandês Colm Tóibín, o cubano Leonardo Padura e italiano Roberto Saviano, cujas denúncias sobre Máfia e o narcotráfico o levaram a receber ameaças de morte.

Mário de Andrade foi um homem "muito intenso, complexo, dividido", atesta o filósofo carioca Eduardo Jardim, autor de sua primeira biografia, que tem, justamente, o título "Eu Sou Trezentos", recém-lançada pelas Edições de Janeiro. A intensidade, tanto da sua vida quanto da sua obra, "deriva do seu embate com forças em contradição", observa Jardim, que participa da mesa de abertura da Flip, no dia 1º, ao lado da ensaísta argentina Beatriz Sarlo e de Eliane Robert Moraes, professora de estética da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

"Há muitas coisas que devemos a Mário e nem sempre nos damos conta disso", afirma o curador desta edição da Flip, Paulo Werneck

O autor de "Macunaíma" dizia que era dotado de uma forma de bivialidade - tinha uma "vida de cima" e uma "vida de baixo". O biógrafo explica: "A primeira era intelectualmente muito exigente e moralmente elevada. A segunda era sensual e instintiva. Viveu essas contradições na vida pessoal, por exemplo, na sexualidade, no plano da sua teoria poética, em que a inspiração e a crítica comparecem, no seu retrato do Brasil, que tenta juntar universal e nacional, erudito e popular, passado e presente, no plano da sua definição de arte e de cultura, no contexto da sua vocação artística, ao mesmo tempo individualista e muito sensível ao apelo do coletivo."

Seria inglório - ou, talvez, irrelevante - aplainar sua figura. Ele "buscou uma solução 'elevada', da 'vida de cima', unificada. Mas sabia e sentia que se abrisse mão da diversidade e da 'vida de baixo' perderia em vitalidade. Era sempre uma tensão:

entre alto e baixo, unidade e diversidade, sensualidade e sublimidade, inspiração e crítica, Amazonas e Tietê", diz Jardim.

Trazido para a atualidade, é um autor que exige contextualização: "Seu retrato do Brasil é importantíssimo, mas precisa ser avaliado com uma perspectiva crítica. Muitos conceitos que o fundamentam precisam ser discutidos. A mesma coisa acontece com sua visão da cultura brasileira, de reforma da cultura e de gestão cultural."

"Precisamos nos aproximar amorosamente, mas também temos que manter uma perspectiva crítica. Acho que esse deveria ser o espírito das comemorações deste ano. Não somos contemporâneos seus nem do modernismo, que se estendeu até 1970. Havia alguns pressupostos nele que são uma certa concepção de tempo e de espaço que possibilitaram uma compreensão do país. Isso não existe mais", aponta Jardim.

Como exemplo, o biógrafo diz que ninguém deve falar hoje de cultura nacional e de cultura popular como falaram os modernistas. "Quem quiser retomar simplesmente não chega a lugar nenhum. As questões dele são muito grandes e sérias, mas é preciso ver que foram formuladas com categorias que não são mais as nossas. Muita gente tentou retomar e não deu certo. Até os organismos oficiais."

A ponderação não desmerece em nada o modernista. Como afirma Jardim, trata-se "da figura intelectual central do século XX e possivelmente a mais rica da nossa história intelectual".

Com a devida contextualização, sem dúvida pertence à atualidade. "Setenta anos depois de sua morte, continua-se pesquisando e citando Mário de Andrade", afirma a crítica de arte Aracy Amaral, um dos participantes do grande seminário Em Busca de Mário de Andrade, promovido como prévia pela Flip e pelo Sesc São Paulo, que vem sendo realizado desde abril e termina no dia 15.

Curadora da próxima edição do Panorama da Arte Brasileira, Aracy deu recentes declarações sobre a necessidade de artistas brasileiros buscarem maior engajamento. Diz que, hoje, o modernista faria o mesmo: convocaria os artistas a dialogar com a vida social e política. "Em sua famosa conferência de 1942, em plena

guerra, pronunciada tanto no Rio quanto em São Paulo, fez um apelo aos jovens para que não ficassem à margem, vendo a multidão passar. Creio que hoje incitaria os intelectuais e artistas a se manifestar mais sobre a realidade local através de seus trabalhos."

Autor — Foto: Valor

Sua atualidade também é inequívoca para uma das maiores autoridades em sua obra, fiel guardiã de seu acervo, Telê Ancona Lopez: "Creio que o interesse em estudá-lo é muito maior, hoje." Telê percorre o acervo de Mário desde a década de 1960, ora como orientanda de Antonio Candido, ora como orientadora, hoje na pós-graduação da Universidade de São Paulo (USP) e no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP), que coordena. Um dos projetos em andamento é uma biografia do autor.

Como lembra, foi Candido, em 1962, quem iniciou o estudo universitário sobre Mário e o modernismo na área de teoria literária e literatura comparada na USP. "O interesse cresceu. Basta ver os projetos - mestrados, doutorados e pós-doutorados -

que se mostram em livros, artigos em revistas ou em comunicações ligadas a congressos e simpósios. No Brasil, no exterior."

Não parece haver como esgotá-lo. "Há e haverá sempre ângulos submersos no mar das possibilidades de exploração que é a obra dos grandes escritores. São os caminhos que dizem respeito à sua obra publicada e inédita; aos livros, ao jornalismo, às formulações que traduziram o escopo e o trabalho no Departamento de Cultura, no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, no Instituto Nacional de Música, na Discoteca Municipal."

Telê coordena a equipe responsável pela fixação do texto de Mário nos livros publicados pela Nova Fronteira, que detinha seus direitos autorais e não divulga números de vendas. O domínio público não altera os planos da editora, que anuncia livros novos. "Café", inédito até hoje, seria "um romance de páginas cheias de psicologia e intensa vida", dizia o próprio autor. Outros lançamentos são uma antologia que vai inaugurar a coleção "O Melhor de" e uma edição especial de "Macunaíma", com capa dura e fotos.

Não são exatamente ângulos submersos, mas pouco explorados do autor de "Macunaíma" alguns dos que vão ser tratados na Flip - "novos pontos de vista, novas portas de entrada", diz Werneck.

A sexualidade é um desses aspectos a ser debatido no evento em Paraty. Especialista no tema - lança na Flip "Antologia da Poesia Erótica Brasileira", pela Ateliê, resultado de uma pesquisa exaustiva que durou uma década -, Eliane Robert Moraes diz que o autor foi particularmente sensível às manifestações da arte e da literatura erótica.

"Basta lembrar Macunaíma, o herói de nossa gente, cuja atividade predileta é 'brincar', verbo que supõe uma forte conotação sexual não só para ele, mas também na nossa cultura popular. Vale recordar que Mário criou seu personagem valendo-se de mitos e lendas brasileiros, onde recolheu uma infinidade de poemas e histórias francamente obscenos, assim como nas rapsódias e escritas religiosas que ele dizia serem 'frequentemente pornográficas e sensuais'."

Não só em sua obra mais famosa, em outros títulos está presente a sexualidade, como lembra a professora da PUC-SP: "Amar, Verbo Intransitivo", a novela inacabada "Balança, Trombeta e Battleship", em contos diversos, como "Frederico Paciência", em vários poemas, em especial aqueles dos livros "A Costela do Grão Cão" e "Livro Azul".

"Se essa é a faceta que menos conhecemos do autor, isso se deve ao fato de que o erotismo literário brasileiro foi, até recentemente, alvo privilegiado de censuras e proibições, como aconteceu em diversos outros países. Mas, além disso, é preciso dizer que a erótica do escritor foi igualmente objeto de uma restrição muito particular: como sua homossexualidade ficou intocada durante muito tempo, tornando-se uma espécie de tabu, também a sua verve licenciosa terminou por ficar na sombra. As duas coisas andaram juntas e talvez tenha chegado o momento de liberar a primeira, que é de ordem pessoal, para reconhecer a qualidade da segunda, que é de ordem estética."

O amor à cidade de São Paulo é outro aspecto presente em poemas e crônicas. "Era um deambulador", nota Carlos Augusto Calil, gestor público e organizador de obras relacionadas ao modernismo, que dividirá com Roberto Pompeu de Toledo, jornalista e escritor, a mesa São Paulo! Comoção de Minha Vida no dia 3. "Andava a pé, de bonde, vencida longas distâncias, baixava no Brás para ver as moças operárias, no Largo da Concórdia para acompanhar o Carnaval, no Parque Dom Pedro, onde flagrava amores furtivos."

O autor de "Macunaíma" dizia que era dotado de uma forma de bivitalidade - tinha uma "vida de cima" e uma "vida de baixo"

Sobre a atuação do modernista à frente do Departamento de Cultura de São Paulo, Calil vai lançar "Devotamento É Dever", organizado com Flávio Pentead, coedição da Secretaria Municipal de Cultura e Imprensa Oficial. "Como dirigente cultural era imaginativo, muito atuante, corajoso para enfrentar interesses encastelados, inovador, atualizado com as novas tecnologias. Praticamente inventou a ação do poder público no campo da cultura, mas não apenas: o Departamento de Cultura acumulava atribuições de ação social, turismo, lazer, ambiente, planejamento. Era uma grande agência de promoção social. E tinha vocação nacional, apesar de vinculado à prefeitura." O livro reúne despachos, relatórios administrativos e

informações de Mário como diretor, quando "pratica uma nova linguagem que, mesmo sendo oficial, não deixava de ser informal", diz Calil.

Não há apenas entusiastas de Mário de Andrade na programação. Estão também presentes aqueles que apontam alguns dos seus limites. Entre eles, Antonio Risério, que acaba de publicar "A Cidade no Brasil" (Editora 34) e integrará, ao lado do poeta Eucanaã Ferraz, a mesa A Cidade e o Território, no dia 2.

"Para mim, Mário é o 'Macunaíma'. Nunca me senti fascinado por nenhuma outra coisa que ele tenha feito. É louvável o seu esforço como pesquisador, mas, ao mesmo tempo, fico impressionado com a distância em que se mantinha das coisas reais que aconteciam à sua volta. Nunca me ensinou de fato sobre o Brasil. Experimental mesmo, em nosso modernismo literário, foi Oswald de Andrade. Considero um poeta menor e uma mistificação da casa-grande uspiana. Por fim, minha visão da cidade também não passa por Mário, mas por Lewis Mumford, Marx, Corbusier, Lúcio Costa e outros." Risério lembra que as críticas mais agudas que ouviu sobre Mário foram em São Paulo, com Décio Pignatari e Augusto de Campos.

Em sua face de poeta, Mário de Andrade nem sempre é tão conhecido - e esse é outro dos ângulos lembrados nas comemorações deste ano. "Talvez a grande virtude de sua primeira poesia tenha sido a ousadia de se pôr programaticamente a questão de como ser moderno no Brasil - e mais especificamente na cidade de São Paulo - dos anos 1910 e 1920", avalia o poeta e crítico literário Eduardo Sterzi, que participou do evento da Flip e Sesc São Paulo numa mesa que tratou desse tema. "Por assim dizer, ele instalou sua escrita num espaço de desabrida experimentalidade, recusando-se a qualquer maior estabilização da forma."

Seu experimentalismo tem, segundo Sterzi, duas peculiaridades: "A primeira é seu trabalho expressivo ou mesmo expressionista com a língua, com o qual busca surpreender a dinâmica da fala brasileira ou paulista, assim como a presença do tupi ou a sobrevivência de arcaísmos; a segunda é a tentativa constante de apreender, na linguagem, aquilo que em repetidos textos é chamado de sensação e é uma espécie de zona de indiscernibilidade entre subconsciente e inteligência, entre palavra e silêncio, entre eu e não eu."

Por muito tempo, a amizade e, depois, a ruptura de Mário com Oswald de Andrade foram objeto de interesse de debates acadêmicos e imprensa. Na Flip atual, a programação não parece querer enfatizar a antiga querela.

Presente na Flip dedicada a Oswald, em 2011, Sterzi acredita que houve exagero nessa contraposição. "Criou-se, durante muito tempo, a figura de um Oswald fanfarrão 'irresponsável' em contraste com a de um Mário pesquisador 'sério'. Ora, Oswald jamais criaria uma obra como a sua sem uma pesquisa muito consistente. Não é muito diverso o que aconteceu com Mário, que sempre soube também jogar com seus arquivos. Do ponto de vista biográfico, acredito que Oswald precisasse da figura de Mário como um estímulo para constituir algumas das partes mais inovadoras de sua obra, o mesmo acontecendo com Mário em relação a Oswald. O personagem Macunaíma apresenta alguns traços nitidamente oswaldianos."

Reduzir sua obra a "qualquer ideia simples de nacionalismo" é algo que deve ser evitado, enfatiza Sterzi. Seria importante estar mais atento ao seu uso singular da língua - não apenas objeto de conhecimento histórico, mas de experimentação com a linguagem - e a textos seus sobre estética e antropologia lato sensu (folclore, musicologia, poesia popular.)

O crítico diz que podem vir a ter um interesse renovado nos próximos anos, sobretudo quando forem abandonadas divisões entre arte e pesquisa, performance e conhecimento. Os arquivos com materiais não publicados - as inúmeras fichas de leitura de sua biblioteca - também devem render visão renovada da estatura e do alcance da aventura intelectual de Mário de Andrade. "Que sonho seria ver tudo isso digitalizado, ao alcance de pesquisadores de todo o mundo."

Leia mais sobre a Flip em:

[A Pauliceia que o poeta viu](#)

[A volta dos que não vão](#)

